

|                        |        |       |
|------------------------|--------|-------|
| PMS                    | FMU    | GERIN |
| BIBLIOTECA             |        |       |
| Jornal                 |        |       |
| A Tenda                |        |       |
| Data                   |        |       |
| 32/12/05               |        |       |
| Caderno                | Página |       |
| Abcal                  | 09     |       |
| Seção                  |        |       |
| Assunto                |        |       |
| Linha Central          |        |       |
| (Baixa dos Sapateiros) |        |       |

# Baixa dos Sapateiros faz 170 anos

Local de pechincha e de artigos baratos, zona de comércio ainda é grande alternativa para quem vai às compras

“Na Baixa dos Sapateiros  
Eu encontrei um dia  
A morena mais frajola da Bahia  
Pedi um beijo, não deu  
Um abraço, sorriu  
Pedi a mão, não quis dar  
Fugiu...”

Trecho da letra Baixa dos Sapateiros  
Ary Barroso (1938)

MARY WEINSTEIN

**C**abides com blusas de cores berrantes, calcinhas e sutiãs pendurados nas calçadas, óculos escuros de todas as cores, flocos de espuma para encher almofadas, funenárias e marcenarias, fábricas de fôrmas para bolos, escadarias transformadas em pontos-de-venda de confecções, ritmos que emanam dos aparelhos de som e homens que não param de gritar os melhores preços ao microfone.

Aos 170 anos, a Baixa dos Sapateiros se mantém agitada apesar de todos os shoppings inaugurados nas últimas décadas – um deles na própria avenida – e de todos os comentários de que estaria decadente.

Entre as décadas de 40 e 70, a área era uma verdadeira terra prometida para os comerciantes, onde até árabes e judeus faziam seus negócios em paz. Os lojistas moravam naquelas imediações; no Desterro, na Rua da Poeira, na Ladeira do Alvo, no Jardim de Nazaré e na Rua Jogo do Carneiro. As maiores lojas da cidade passavam por lá – Ipê, Rian Tecidos, Os Gonçalves, Feira dos Tecidos, Lóbrás, Os Fonseca, dentre outras.

Hoje, uma das maiores revendedoras de eletrodomésticos do mercado mantém cinco unidades ao longo da avenida, e mais uma será inaugurada por esses dias. Roupas e demais artigos encontrados nos cerca de 500 estabelecimentos são baratos mesmo. É possível comprar um conjunto de saia e blusa de malha para criança a R\$ 12, bolsa “tiracolo” para meninas a R\$ 3, bermudas para meninos a R\$ 8, um pano de prato a R\$ 1,5 e dois a R\$ 2,5, ralador de verduras de plástico a R\$ 6 e escorredor de pratos a R\$ 6.

**PROMOÇÕES** – Há também lojas que emprestam dinheiro para que o consumidor possa comprar na mão delas e lanhonetes que fazem a promoção de qualquer salgado mais um suco de frutas a R\$ 1.

Há dois grandes estacionamentos ao longo da avenida, onde não é permitido parar. Isso não é problema para Valéria Peixoto dos Santos, 42 anos, dona-de-casa, que saiu às 7h30 do bairro de Tancredo Neves, onde mora, e chegou ao

Viaduto do Aquidabã, às 9 horas, pronta para gastar. Tinha R\$ 20 na bolsa, fora o dinheiro para pegar o ônibus de volta. “Claro, vou comprar onde? Não gosto de ar condicionado”, disse ela, descartando os shopping centers.

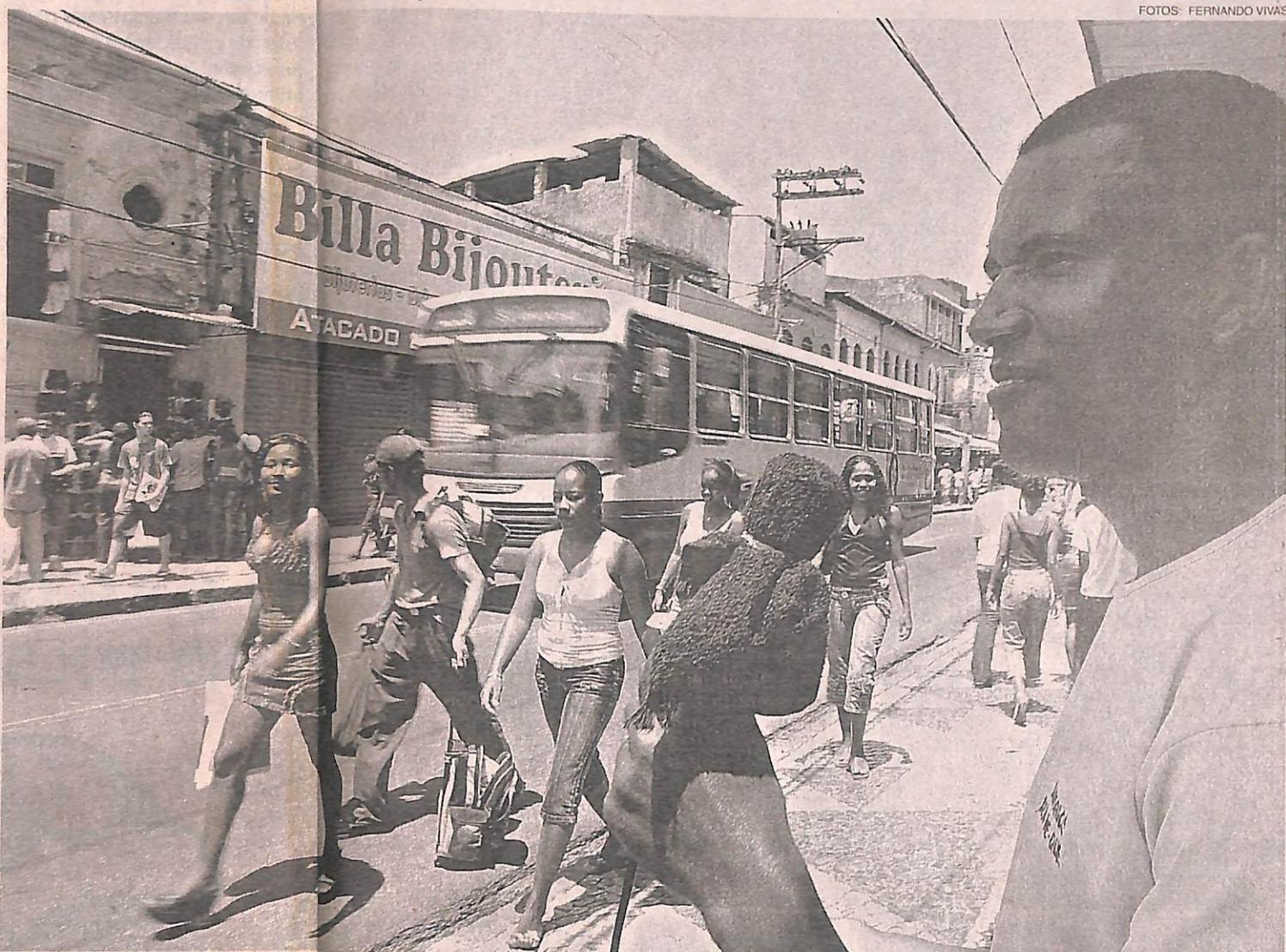
Ana Paula Souza, 33 anos, enfermeira, também compra na Baixa dos Sapateiros porque os

preços são mais em conta, mais baratos, como avalia. Carminha Oliveira Ferreira, 31 anos, explica que prefere a Baixa dos Sapateiros porque tem “mais opções para a gente escolher”, ao som de Roberto Carlos, é claro.

Juscelino Santos Silva, 31 anos, é gerente de uma loja de roupas há quatro e diz que há temporadas de altos e de baixos, mas que a média de venda é muito boa. “É tão bom que meu patrão tem três lojas aqui”, resumiu ele. O camelô Edvaldo Rodrigues, 47 anos, conta que, há 30, trabalha no mesmo ponto que era perto de onde morava – Pelourinho antes da revitalização. Teve que se mudar para Periperi.

Com uma das pernas enfai-

xadas e muletas encostadas na parede, diz que é “regularizado” e que não está sujeito aos “rapas”, funcionários da Secretaria de Serviços Públicos (Sesp). “Senão, nem daria para correr”, brinca ele, sentado ao lado da banca abarrotada de walkman, aparelhos de som, celulares e outros artigos eletrônicos.



Personagem clássico das lojas, o locutor apregoa os produtos em promoção e convida a clientela a conferir as mercadorias

## Restauração de asilo não saiu do papel

Há quatro anos, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) desapropriou dez lojas que funcionavam no Asylo Santa Isabel da Ordem 3ª de São Francisco, na Baixa dos Sapateiros, para que o prédio, um dos poucos neoclássicos encontrados em Salvador, fosse restaurado e pudesse contribuir para a revitalização da área. O projeto, encomendado à Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder), ficou pronto mas jamais foi posto em prática.

Nessa tentativa de restaurar o asilo e revitalizar a avenida, além de piorar a aparência do primeiro, que teve as suas salas vedadas com cimento, o Ipac acabou atingindo o comércio da Baixa dos Sapateiros, que perdeu seus empreendedores para nada, até agora. Em vez deles, no trecho em frente aos dez estabelecimentos comerciais, há uma sequência de barracas de camelôs que assumiram o espaço.



Camelôs trabalham em frente ao espaço onde funcionavam dez lojas no Asylo Santa Isabel

As lojas estão cimentadas e o asilo foi construído em meados do século XIX, pertencendo à Ordem 3ª de



Idosa escolhe um par entre as inúmeras sandálias



# Restauração de asilo não saiu do papel



Idosa escolhe um par entre as inúmeras sandálias



Grande oferta de confecções atrai os consumidores

Há quatro anos, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) desapropriou dez lojas que funcionavam no Asylo Santa Isabel da Ordem 3ª de São Francisco, na Baixa dos Sapateiros, para que o prédio, um dos poucos neoclássicos encontrados em Salvador, fosse restaurado e pudesse contribuir para a revitalização da área. O projeto, encomendado à Companhia de Desenvolvimento Urbano (Conder), ficou pronto mas jamais foi posto em prática.

Nessa tentativa de restaurar o asilo e revitalizar a avenida, além de piorar a aparência do primeiro, que teve as suas salas vedadas com cimento, o Ipac acabou atingindo o comércio da Baixa dos Sapateiros, que perdeu seus empreendedores para nada, até agora. Em vez deles, no trecho em frente aos dez estabelecimentos comerciais, há uma sequência de barracas de camelôs que assumiram o espaço.

O comerciante Elírio Issa, ex-presidente da Câmara de Diretores Lojistas (CDL) e da Associação de Lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha (Albasa), ainda se irrita ao contar o episódio e aproveita para lamentar a falta de incentivo à revitalização da avenida, cujo nome oficial é o do ex-governador J.J. Seabra.

“Todas as intervenções dos governos foram em prejuízo à Baixa dos Sapateiros”, constata Elírio, sem economizar críticas, quando, há pouco mais de um mês, comerciantes alojados no Cine Jandaia estavam sendo ameaçados de perder o ponto pela Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo (Sucom). Depois de uma reunião, a situação ficou acomodada.

No caso do asilo, foi empregado o trabalho de arquitetos do Ipac e da Conder, além dos custos das desapropriações para a construção da praça que homenagearia o cantor e compositor Ary Barroso, o autor de Aquarela do Brasil, que encontrou, na Baixa dos Sapateiros, “a morena mais frajola da Bahia”.

Hoje, os acessos às antigas lo-



Camelôs trabalham em frente ao espaço onde funcionavam dez lojas no Asylo Santa Isabel

jas estão cimentados e o asilo construído em meados do século XIX, pertencente à Ordem 3ª de São Francisco, que ali mantém um abrigo para idosos, continua com a sua aparência danificada, contribuindo para a degradação da Baixa dos Sapateiros. Por dentro, o abrigo tem cômodos bem-conservados como a sala de estar, com armários datados de 1889, e o salão nobre, com mobília de jacarandá e palhinha em estilo D. Maria I, oferecida à instituição em 1879.

O procurador-geral da Irmandade da Venerável Ordem 3ª Secular de São Francisco e ex-ministro, Firmino Alves, explica que a edificação está conservada, mas que precisa ser restaurada. “Vamos fazendo o que é emergência, mas não podemos fazer obra como devia ser feita. A instituição vive da cobrança de aluguéis, casamentos, enterros, doações e turismo”, explica Firmino Alves, que mantém duas lojas vizinhas às que foram fechadas. Ele diz que não pode falar sobre a interrupção do projeto por parte do governo do Estado e garante que os comerciantes foram devidamente indenizados.

O secretário da Cultura e Tu-



Issa diz que as intervenções do governo prejudicaram local

rismo, Paulo Gaudenzi, atribui a interrupção das obras a algum contratempo na Conder e garante que o projeto será executado, devolvendo a originalidade da edificação, descaracterizada pela própria Ordem 3ª ao transformar o antigo jardim em lojas. “Aquele é um monumento importante. Com o passar do tempo, deverá ser desapropriado pa-

ra ser transformado em um museu ou ter outra finalidade cultural, com o asilo sendo transferido para um lugar mais apropriado”, disse o secretário. Ele explicou, também, que foi uma decisão política do governo da época (César Borges) de intervir em um imóvel particular, em grande parte pelo seu valor arquitetônico.